

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	<p>A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-863-2 DOI 10.22533/at.ed.632192312</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

O primeiro eixo nos permite compreender as questões acerca do desenvolvimento humano desde a perspectiva da infância. Seja em espaços urbanos ou rurais, no campo ou na cidade, as crianças ganham centralidade nas análises desde seus saberes, redes, brincadeiras e subversões.

Das fricções entre o urbano e o rural que também colocam em tensão saberes técnicos e locais somos convidados a pensar abordagens sociológicas para os desastres ambientais que deem conta da complexidade em que se imbricam interesses econômicos, defesa do meio ambiente e a vida das populações atingidas pelos desastres.

O terceiro e último bloco de capítulos oportuniza tanto o acesso a temas atuais da sociologia como as migrações e os choques culturais decorrentes desses processos, quanto um apanhado metodológico que envolve diversos caminhos e técnicas de pesquisa, sejam elas centradas nos sujeitos ou nas estruturas e processos sociais de acumulação de poder e capital.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO URBANO E DO RURAL	
Gerson Luiz Buczenko	
Maria Arlete Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923121	
CAPÍTULO 2	12
TRANSPORTE ESCOLAR E INFÂNCIA DO CAMPO: AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE UMA ESCOLA NO RIO UAICURAPÁ/ PARINTINS - AMAZONAS	
Kilsimara Nascimento Ribeiro	
Gyane Karol Santana Leal	
Rosaria Jordão Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.6321923122	
CAPÍTULO 3	23
SUBVERSÕES DO BRINCAR: DISPOSITIVOS NA INFÂNCIA FRENTE AS NORMATIZAÇÕES INSTITUCIONAIS	
Giovana Glaucia Fernandes	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Rafael Delaguardia Felix	
Ricardo Lopes Correia	
DOI 10.22533/at.ed.6321923123	
CAPÍTULO 4	34
EPISTEMOLOGIAS DO SUL: INFÂNCIAS E CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SÃO PAULO EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA ARTEIRA	
Ellen Gonzaga Lima Souza	
Gabriela Tebet	
Antônio Paulino de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6321923124	
CAPÍTULO 5	43
O BAIRRO A PARTIR DE UM PASSEIO DE ÔNIBUS: EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS E SOBRE A INFÂNCIA NO ESPAÇO URBANO	
Zuleica Pretto	
DOI 10.22533/at.ed.6321923125	
CAPÍTULO 6	56
O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA MARAJOARA	
Simeir Santos Andrade	
Magali dos Reis	
Laura Maria Silva Araújo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6321923126	
CAPÍTULO 7	67
PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SABER LOCAL NA GESTÃO DO DESASTRE DA REGIÃO SERRANA (RJ): UM ESTUDO DE CASO	
Maria Suellen Timoteo Correa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923127	

CAPÍTULO 8	79
REPARAÇÃO DE DANOS NO DESASTRE DO RIO DOCE, PARTICIPAÇÃO E ATORES SOCIAIS	
Aloisio Ruscheinsky Manoella Treis	
DOI 10.22533/at.ed.6321923128	
CAPÍTULO 9	92
A CENTRALIDADE DAS RELAÇÕES NO COTIDIANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Alessa Cristina Pereira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6321923129	
CAPÍTULO 10	105
MIGRAÇÕES INTERNAS E A EMERGÊNCIA DE DISPUTAS SIMBÓLICAS NO RIO GRANDE DO SUL	
Pedro Francisco Marchioro Talita Cristine Rugeri Lorena del Pilar Pereda Cordova	
DOI 10.22533/at.ed.63219231210	
CAPÍTULO 11	118
ANÁLISE DE QUESTÕES DE SOCIOLOGIA DO ENEM (2015): REFLEXÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E POLÍTICAS	
Ozaias Antônio Batista Maria Genilda Marques Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.63219231211	
CAPÍTULO 12	134
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES): PROSOPOGRAFIA E CONEXÕES POLÍTICO-FAMILIARES	
Mônica Helena Harrich Silva Goulart Ricardo Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63219231212	
CAPÍTULO 13	152
PALMYRA WANDERLEY NA REVISTA VIA-LÁCTEA DE 1914-1915: ESCRITA E POESIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER POTIGUAR	
Maria Joseane Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.63219231213	
CAPÍTULO 14	164
A CULTURA CONSERVADORA DE GUARAPUAVA, FRENTE AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E TECNOLÓGICO	
Marco Aurélio Silva Antonio Costa Gomes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.63219231214	

CAPÍTULO 15	175
A SOCIEDADE DE MERCADO NO SÉCULO XXI E SEUS DESAFIOS: TRABALHO, PRODUTIVIDADE E DESEMPREGO	
Nelton Moreira Souza Eliete Barbosa de Brito Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63219231215	
CAPÍTULO 16	189
AS MULHERES NAS PRISÕES BRASILEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Ivaneide Nunes Paulino Grizente Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.63219231216	
CAPÍTULO 17	196
AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Renato Ribeiro Daltro	
DOI 10.22533/at.ed.63219231217	
CAPÍTULO 18	201
PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS EM AMBIENTES DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS CRÍTICAS EM INFORMAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves Fellipe Sá Brasileiro Daniella Alves de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.63219231218	
SOBRE A ORGANIZADORA	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

MIGRAÇÕES INTERNAS E A EMERGÊNCIA DE DISPUTAS SIMBÓLICAS NO RIO GRANDE DO SUL

Data de aceite: 22/11/2019

Pedro Francisco Marchioro

Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná

Talita Cristine Rugeri

Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná

Lorena del Pilar Pereda Cordova

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Brasília

RESUMO: Com a instalação do polo naval na cidade de Rio Grande- RS em 2006, uma leva de mão de obra exógena aportou nessa região até então marcada pela moderação e estabilidade de sua atividade urbana. A chegada de estrangeiros não tardou a gerar conflitos de ordem cultural, sobretudo no encontro de culturas distintas, a saber, do gaúcho com os estrangeiros que passaram a ser identificado sob a figura do "baiano". O designativo "baiano" é uma categoria da qual o habitante local se utiliza visando denigrir aquele ao qual o termo é destinado e ao mesmo tempo restaurar a realidade social daquele que o denuncia. "Baiano", portanto, pouco tem a ver com a identificação do habitante do estado da Bahia. O termo se dirige a trabalhadores cariocas, paulistas, pernambucanos, paraibanos, e de outras

regiões do Brasil que vieram ocupar os postos de trabalho abertos no polo naval riograndino em função ausência de mão de obra qualificada na região. Desse modo "Baiano" seria antes um aglomerado de diferenças transformadas em semelhanças para serem reunidas em uma mesma categoria a partir de afinidades construídas e sustentadas por dispositivos de linguagem assim como por mecanismos de produção de consenso.

INTRODUÇÃO

Esta exposição é parte da pesquisa de mestrado apresentada em 2016, a qual abrangeu temáticas sobre migrações, choque cultural, crises de identidade e representação. Tomando o estudo de caso como ponto de apoio, propõem-se aqui apresentar sucintamente uma reflexão sobre como a inserção de novas figuras, tal como migrantes e estrangeiros, impactam em determinada configuração social e como esse impacto se manifesta nas subjetividades dos agentes que a vivenciam, perguntando-se, por exemplo, de que estratégias se valem para restaurar as cadeias rompidas, as discontinuidades intelectivas, os desconfortos afetivos, etc., valendo-se da produção de novos esquemas

de representação e inteligibilidade, assim como da manipulação dos signos e sentidos que constituem tal realidade. Debruçando-se sobre esse caso, pode-se vir a ter maior conhecimento sobre os processos de assimilação a que estão sujeitos aqueles contextos que se tornam focos de impulsos migratórios, assim como sobre os elementos de estruturação de grupos que compõem e são compostos pelas configurações sociais.

Desde os primeiros impulsos da reativação do polo naval de Rio Grande passou a haver uma alta incidência de “estrangeiros” na região. E já nos primeiros assentamentos destes migrantes pode-se perceber os conflitos e estranhamentos que eram divulgados pela mídia local assim como por outros veículos de informação. Desde aí, notava-se um tipo de opinião geral se formando em torno do “nordestino”, que aqui aparecia sob a figura do “baiano”. Seguindo pistas levantadas nas redes sociais, foi possível confirmar a existência do conflito. A partir daí, tomou-se a problemática em termos de uma hermenêutica do conflito, ou seja, um lugar desde onde se faz possível investigar os processos de estruturação social, tendo em conta que macromudanças - aquilo que diz respeito às causas gerais da migração - geram efeitos que se manifestam em microespaços – as aversões manifestas nas falas e nos corpos, os desconfortos provindos das transformações do cotidiano traduzidos em atos de fala, gestos, etc.

Percorrendo o caminho por onde o rótulo “baiano” se erigiu, percebemos que o termo não se sustenta sobre demarcadores regionais ou étnicos. Isto é, “baiano” poderia ser tanto alguém nascido no estado da Bahia, quanto em Pernambuco, Piauí, Paraíba, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo ou Minas Gerais, como diz um comentário na internet: *“Eu tenho nojo dessa gente, um bando de maloqueiros porcos, baianos, cariocas e merda é tudo a mesma coisa”*. O modo de identificar um “baiano” desde o início mostrava-se muito precário na fala dos agentes nativos e a aplicação muito variável, dependendo de vários fatores. Como nessa fala: *“Como identificar um baiano no polo naval em Rio Grande: É muito fácil, se tiver um celular num ouvido e uma latinha na mão, já achou.”* Quer dizer, a aplicação do pejorativo não funciona segundo constatações de laços regionais, nem obedece a distinções de natureza étnica ou racial, tampouco ao clássico recorte de classe. Os estrangeiros ganham em média igual ou até mais do que os nativos, são mais qualificados no ramo naval – daí a necessidade de sua incorporação ao polo. Outros autores (ELIAS & SCOTSON, 2000) já haviam destacado a aleatoriedade dos sinais que fundamentam os argumentos de inferiorização, tal como cor, religião, gênero, etc. Nesse sentido, haveria que se indagar como se origina o hábito de perceber as pessoas com outra cor de pele, sexo ou outros predicados, como pertencentes a um grupo diferente.

Foi essa perspectiva que norteou esse estudo. Partindo dela, foi possível observar os traços e sinais de demarcação grupal em seu processo embrionário de

construção. Em um segundo momento, foi possível observar como a representação do “baiano” foi utilizada no percurso inverso, de operacionalização dedutivista de certos traços previamente agrupados nele. A esta prática de reconhecimento e posicionamento em relação a estes traços agrupados em uma representação, entende-se aqui como estigmatização, prática esta semelhante ao que se denomina “racismo” ou “xenofobia”, com a diferença de que aqui se descarta a possibilidade de que existam traços ou demarcadores existentes em si, ao que caberia à inteligência humana identificá-los a posteriori. Aqui, tais práticas seriam, em síntese, nada mais do que o final de uma longa cadeia de construções sociais que constroem e mobilizam diferenças para justificar o pertencimento a grupos ou realidades distintas – sempre em termos de hierárquicos. Sua força residindo na capacidade de sustentá-las e reproduzi-las.

DESCRIÇÃO DO CONTEXTO

Em 2005 na cidade de Rio Grande, localizada no sul do estado do Rio Grande do Sul, é instalado o polo naval. Com isso a região passa a integrar o circuito global de construção de plataformas para a exploração de petróleo. A cidade de aproximadamente 200 mil habitantes, vinha apresentando índices muito pouco expressivos de movimentação comercial e urbana, isso em parte pelo isolamento geográfico - que acabava por gerar ainda mais isolamento - em parte por outros fatores políticos, históricos e culturais próprios dessa região sul do estado.

A partir de então há um grande volume de materiais, investimentos e recursos vindos de outros lugares do Brasil e do mundo, que alterarão “significativamente o perfil produtivo da metade sul, bem como suas condições socioeconômicas”. (Plano Diretor do Polo Naval, p.4) Junto a esses novos elementos, uma profusão de matéria humana - forasteiros de caras novas, pessoas de todas as partes, cheia de sotaques e cores, com comportamentos desconhecidos e estranhos à percepção do riograndino – passa a circular na cidade.

Rapidamente as ruas da cidade são infladas, vê-se acelerar seu movimento com fluxos de trabalhadores de uniformes de todas as cores. Fala-se muito sobre o polo. A televisão exalta um “novo eldorado”, ou, como no título da edição da reportagem do Globo Repórter de fevereiro de 2011, um “novo mapa da prosperidade brasileira”. Nos jornais, pululam anúncios de vagas de emprego: soldador, encanador, pintor, etc. Cursos são oferecidos para treinamento junto a incentivos de profissionalização para os postos de trabalho do polo. Nas portas das empresas há filas para o preenchimento do cadastro de emprego. Exemplos são divulgados de pessoas que abandonaram suas antigas fontes de renda e vieram a ter relativo sucesso no polo.

É desse enfrentamento inicial entre a população local e a massa confusa de

estrangeiros, intensificado pelo volume e velocidade em que se deu as instalações dos megaempreendimentos, que emergirá as primeiras denúncias e acusações do (mal) comportamento do “baiano”, figura de linguagem que age no sentido de condensar toda a miscelânea de caras novas, hábitos embaraçados, sotaques diversos, comportamentos desviantes, que apareceu na nova configuração da realidade de Rio Grande.

Mais adiante, demonstrar-se-á como esta imagem se tipifica, é reificada, isto é, se descola das situações imediatas que o geraram, passando a constituir um elemento a mais no universo simbólico do riograndino, estratégico na conduta de sua nova vida diária.

É interessante perceber o contraste entre o que Rio Grande era e o que veio a ser em um período bastante curto, descrever o seu pano de fundo para facilitar a compreensão da sociogênese do estigma (QUINONES e SUPERVIELLE, 2015, p. 18), isto é, do estigma enquanto uma relação, dado que o fenômeno não acontece num vazio social (ELIAS, 2000, p. 32). Nesse sentido, o defrontamento das distintas culturas – de onde emergirá o estigma - devem-se a uma série de circunstâncias. Desse modo, a hermenêutica do conflito no polo naval de Rio Grande aponta primeiramente para a interdependência entre *extrangería* (BLANCO, 2006) e cultura nativa, o que Elias e Scotson (2000), denominam “abordagem figuracional”. Isto é, o fato de que

as categorias estabelecidas e outsiders se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. (ELIAS, 2000, p. 8)

Portanto, o encontro entre o nativo e o estrangeiro do qual emergem os fenômenos estigmatizantes, devem-se antes de mais nada ao polo naval. Numa rápida descrição pretendo esboçar o cenário em que esse encontro se deu para que possamos tomar parte da perspectiva do nativo, o “empreendedor” (BECKER, 2008) primeiro e último desse mecanismo que é o estigma.

ESBOÇO DO CENÁRIO EM QUE O ESTRANGEIRO INGRESSA

O polo naval fica no município de Rio Grande, mas não se reduz a esse. Na verdade ele diz respeito a um aglomerado que abarca as cidades de Pelotas, São José, São Leopoldo, Jacuí, Cachoeira do Sul, Charqueadas, Porto Alegre e a lista ainda continuaria se ponderássemos seus efeitos gerais. E é nesse sentido que perguntamos sobre os “porquês” e os “comos” dessa região sul, sempre menos desenvolvida em relação ao norte do estado, passar a integrar o itinerário da

circulação global de capital.

Em 1997 o porto de Rio Grande foi incluído no programa de renovação da frota nacional de apoio marítimo, basicamente na construção de embarcações da marinha mercante. Porém, em 2006, interrompe-se esse programa em função da confirmação da descoberta da camada pré-sal na costa brasileira, deslocando-se o foco para o investimento em tecnologias para extração e manipulação do petróleo na costa brasileira (FABRES, 2014).

Rio Grande teve um dos primeiros portos de atracação de barcos do Brasil, de modo que a cidade já apresentava em seu histórico uma atividade portuária de transporte e armazenamento de mercadorias. Entretanto, esta é a primeira vez que ela é anexada a um nível de trocas globais, sobretudo se ressaltarmos que, justamente nas décadas em que o mundo intensificava as trocas globais, ela estivera fechada em seu isolamento. Assim, fica claro que Rio Grande não encontraria resposta para o desafio ao qual era solicitada unicamente em seus recursos internos, e é nesse sentido que passa a importar trabalhadores já qualificados nas atividades do setor petrolífero.

Há ainda o fato de que o próprio trabalhador nativo, uma vez estando qualificado para esse setor ou atividades afins, passem a tomar o circuito do trabalhador móvel, a procura de postos onde suas ocupações sejam compatíveis. Observa-se assim que uma espécie de constante rotatividade vai se instituindo numa cidade que vinha apresentando uma dinâmica urbana bastante tímida, e que encontra dificuldades para lidar.

ESPAÇOS DE CONFLITO: REDES SOCIAIS

Rio Grande tem o mar, tem a lagoa dos patos, e por isso o destino de viver das águas, com suas ondas, seus altos e baixos. A cidade mais antiga do Rio Grande do Sul já foi a mais importante e esteve na lista das mais pobres, agora, vive um novo tempo de prosperidade. (GLOBO REPÓRTER; reportagem de 11.02.2011)

Assim iniciava a reportagem do Globo Repórter cujo subtítulo era: “O novo mapa da prosperidade brasileira”. Na reportagem, que, segundo o presidente do sindicato dos metalúrgicos, foi “irresponsável”, a zona do polo naval situava-se entre as cidades mais promissoras do país.

No outro dia dessa reportagem, que eu digo, irresponsável, o que apareceu de pessoal de Piauí, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, de mochila no sindicato: “Companheiro eu quero saber onde é que eu ficho?”, eu dizia “como assim?”, “Rapaz, eu vi ontem a reportagem e agora tô aqui”. O cara escutou a reportagem de noite, de manhã pegou um avião (...), e chegou aqui no outro dia da reportagem, cobrando a vaga dele. (Programa Contraponto, 2014)

É nesse sentido que desde os primeiros impulsos da reativação do polo naval

de Rio Grande tem havido uma alta incidência de “estrangeiros”, atraídos certamente por tal prosperidade. E, já nos primeiros assentamentos destes migrantes podia-se perceber os conflitos divulgados pela mídia local assim como por outros veículos. Via-se um tipo de opinião formando-se a respeito do nordestino, que ia aparecendo na figura do “baiano”. Em uma rápida busca na internet pôde-se confirmar a existência do conflito.

Entendemos que todo o espaço do conflito é o espaço do conflito em potencial, isto é, que o conflito está inscrito nos espaços de forma latente podendo manifestar-se ou não e em diferentes graus e sob diversas formas. Isso porque os espaços sociais estão imbuídos de regras, sendo essas formais ou informais mas sempre pressupondo a sua infração (GOFFMAN, 1988; BECKER, 2008). Nesse sentido, toma-se as redes sociais como um espaço privilegiado para a observação dos conflitos sociais. Conflitos que iniciam em espaços públicos, vão se desdobrar, ganhar força e forma dentro das redes sociais. Como o “instrumento da fofoca descrita” por Elias e Scotson em *Os estabelecidos e os outsiders* (2000, p. 13), as redes sociais funcionam para os agentes como uma alavanca onde se tem a possibilidade de atingir o alvo sem que se veja de onde parte o ataque. Dito de outro modo, as redes sociais garantem um relativo anonimato, e assim oferecem uma maior segurança ao minimizar os custos emocionais com as acusações diretas, cara a cara. É nas redes que se vai consolidando a imagem do “baiano” e, em contraposição, a própria auto-imagem do nativo.

Utiliza-se, portanto, de ferramentas e técnicas para a investigação desse espaço virtual ainda um tanto recente nas ciências sociais, mas que já tem demonstrado sua importância e validade em estudos que investem em sua apropriação e transformação em local de produção de dados, tal como a etnografia virtual, o trabalho de campo online, a cibercultura, e outros. (DE SENA e LISDERO, 2014). Mobilizou-se assim dispositivos como o N-Vivo o programa SPSS para organização e análise de dados construídos tanto através de questionários e entrevistas de formas variadas, quanto através da coleta de informações nas redes sociais.

As redes sociais constituiriam um microcosmo onde se torna possível identificar o desenvolvimento desses conflitos em seu estágio mais desenvolvido e, sobretudo, em seu formato não-velado. Pois esta é uma das dificuldades quando se busca medir e demonstrar fenômenos, à primeira vista, de caráter dissimulado como o estigma. Numa sociedade democrática em que o direito às diferenças é defendido por lei, o estigma se daria através de mecanismos mais sutis e complexos, posto que o próprio agente estigmatizador sofreria prejuízo moral, isto é, estaria sujeito ao estigma ao estigmatizar.

Desse modo, a apropriação do universo online propicia o levantamento de informações que não se mostram facilmente nem nas observações nem nas

entrevistas diretas, mas que emergiram, por exemplo, em entrevistas feitas por email, Skype ou Facebook, e ainda em coletas de debates em fóruns que se desenvolveram no Youtube, tal como evidenciado nos trechos a seguir¹:

Eu particularmente não aguento mais barulho, porque é música de manhã cedo ou super tarde, ainda pegam a pior música, a pior mesmo, onde a cantora é super aguda e colocam pra repetir ate 7 vezes que foi o que contei...por favor né, é difícil receber bem essas coisas.

Vão toma no cú seus baianos de merda! Se a Bahia fosse bom não viriam para Rio Grande trabalhar! Vocês são abusados, folgados, seus mortos de fome! Chupa baianada filhos da puta!

Essa contundência com que o estigma se manifesta nas redes sociais, sobretudo porque preserva o anonimato e generaliza as aversões em entidade, não é encontrado nas ruas, nas situações ou encontros sociais cara a cara. Estas acusações também não aparecem nas entrevistas, uma vez que o entrevistador, em último caso, pode aparecer ao entrevistado como um representante do estado ou da cultura legítima (SUPERVIELLE e ROBERTT, 2015, p. 101). A internet, aqui, age como um dispositivo de manifestação das emoções retidas nas situações imediatas, permitindo que as acusações venham à tona sem risco de repreensão ou censura.

A vizinhança

Embora a internet se apresente como um espaço profícuo para a análise, o princípio do conflito, a que temos mapeado a partir das pistas levantadas nas redes sociais, reside na vizinhança. É nos encontros diretos, na imediaticidade do cotidiano que os atritos tendem a ser travados.

O fenômeno da estigmatização, no entanto, como já visto em outros estudos (ELIAS, 2000; BECKER, 2008, p. 29-30), apoia-se numa lógica mais profunda, subjacente aos deslocamentos do estigma, onde há um quadro de desequilíbrio de poder e distribuição de recursos, uma diferença no grau de organização e coesão dos grupos, e ainda uma diferença na participação daquela tradição que constitui as regras e acordos informais e os espaços de significação onde os comportamentos e seus sentidos estão previamente dispostos e são finitos: “os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que tem probabilidade de serem neles encontradas.” (GOFFMAN, p. 11-12; 1988).

Percorrendo o caminho por onde o rotulo “baiano” se erigiu, percebemos que o termo não está condicionado à região de origem daqueles que assim são identificados. Isto é, “baiano” pode ser tanto alguém nascido no estado da Bahia,

1 Os termos foram conservados todos tal como retirados da internet, com seus palavrões e expressões vulgares, para preservar a força e o sentido no qual o conflito é verbalizado nas redes sociais. Já os nomes foram retirados ou modificados.

quanto em Pernambuco, Piauí, Paraíba, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo ou Minas Gerais, como diz um comentário na internet: “Eu tenho nojo dessa gente, um bando de maloqueiros porcos, baianos, cariocas e merda é tudo a mesma coisa”.

O modo de identificar o baiano é muito precário e a aplicação muito variável, dependendo de vários fatores. Como nessa fala: “*Como identificar um baiano no polo naval em Rio Grande: É muito fácil, se tiver um celular num ouvido e uma latinha na mão, já achou.*” Quer dizer, a aplicação do pejorativo não funciona segundo constatações de laços regionais, nem obedece a distinções de natureza étnica ou racial, tampouco ao clássico recorte de classe. Os estrangeiros ganham em média igual ou até mais do que os nativos, são mais qualificados no ramo naval – daí a necessidade de sua incorporação ao polo. Elias e Scotson (2000) já haviam destacado a aleatoriedade dos sinais que fundamentam os argumentos de inferiorização, tal como cor, religião, gênero, etc.:

Ao discutir os problemas “raciais”, tende-se a por a carroça na frente dos bois. Afirma-se, em geral, que as pessoas percebem as outras como pertencentes a outro grupo porque a cor de sua pele é diferente. Seria mais pertinente indagar como foi que surgiu no mundo o hábito de perceber as pessoas com outra cor de pele como pertencentes a um grupo diferente. (ELIAS, 2000, p. 46)

É essa perspectiva que tem se mostrado adequada em nosso estudo. A seleção dos traços e sinais mostraram-se, primeiramente, em seu processo embrionário de seleção, reunião e tipificação em entidade-estigma. E, num segundo movimento, pudemos observar como o estigma, coisificado, foi utilizado no percurso inverso, de identificação dedutivista de certos traços previamente agrupados nele.

EXPLANAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Parte-se do postulado de que todo novo fenômeno ingressado na realidade é interpretado pelos atores sociais à luz das categorias de conhecimento já dispostas nos âmbitos sociais, ou no que Berger e Luckmann (1976) chamaram de *estoque de conhecimento*. É a partir nas interações no cotidiano que emergem objetivações que, num segundo momento, se destacam da situação imediata, do “aqui e agora” que o gerou, e passam a configurar categorias objetivas, tipos, padrões, figuras generalizadas, análogas ao estigma.

Essas tipificações jamais encontram correspondência perfeita nas interações face a face, mas tornam possível deduções, as previsões características do “conhecimento que dirige a conduta na vida diária” (BERGMAN e LUCKMANN, 1976, p. 35).

Há que se ter imagens que permitam perceber o outro como outro e como não-nós. Essas imagens independem dos sujeitos individuais (ELIAS e SCOTSON). Elas

obedecem a uma sociodinâmica mais complexa que o simples racismo de cor, de gênero. Há uma construção social do “nós” e do “eles”. O integrante do grupo outsider seria todo aquele que não faz parte do “nós”, ou que são “nós” em menor grau. Junto ao processo de diferenciação, entretanto, há a definição de sinais indicativos que permitiriam operar essas diferenciações com mais facilidade. No caso da raça e do gênero, por exemplo, na linha de Elias e Scotson (2000), estas diferenças sedimentaram-se de tal maneira no longo processo histórico, que se torna difícil de desconstruí-las. É muito fácil distinguir uma mulher de um homem, pelo traço físico, ou, em última instância, pela ausência de pênis e a capacidade de engravidar. No caso da raça o demarcador pode ser inferido pela cor, formato, etc. Há, entretanto, momentos em que estas evidências não são tão claras. Para Elias e Scotson (2000) há esse processo diacrônico que, transpassado de geração em geração, que vai se aperfeiçoando, se abstraindo, saindo da imprecisão para precisão auto-evidente. Citam o exemplo dos burakunins no Japão ou os judeus, que, por não serem facilmente distinguíveis por traço, cor, ou gênero, eram obrigados a usar uma faixa de identificação no braço.

Berger e Luckmann entendem que a realidade constitui-se na soma das tipificações acima esboçada. Esta realidade erige-se “acima” das subjetividades no sentido de que independem delas individualmente, porém são utilizadas individualmente para a conduta na vida diária. A gênese das tipificações tem seu princípio na interação imediata entre os agentes, mas progressivamente vai tomando forma, evoluindo até se descolar e independe dessa situação inicial que o gerou. Nesse momento, essa tipificação passa a integrar o estoque de conhecimento, a tradição, ou ainda a carga semântica da qual Schultz (2010) e mesmo Goffman (1988) refletirão para entender a condição complexa do estrangeiro e do estigma, as quais nos acompanharão durante o texto.

Esse desenvolvimento teórico um tanto quanto amplo, ilustra o que temos encontrado na análise dos movimentos que perpassam o estigma, basicamente, das subjetividades para a objetividade, e dessa novamente para as subjetividades. Quer dizer que, dez anos depois dos primeiros aportes do polo naval em Rio Grande, o estigma “baiano” já se tipificou, se reificou, isto é, está alocado na configuração da realidade social riograndina e pode ser encontrado nos discursos de seus habitantes como uma categoria auto-explicativa. Nesse momento, uma vez o estigma institucionalizado, passaríamos a notar o movimento contrário, de uso dos agentes individualmente nas situações de interação direta.

Postulamos ainda que uma mudança em uma dada realidade é acompanhada pela mudança na forma de compreendê-la. Novos instrumentos serão formulados porém a partir dos já existentes. Daí a precariedade que encontramos nas primeiras formulações acerca das categorias de compreensão dos fenômenos inéditos, tal

como o ingresso massivo do estrangeiro.

Num primeiro momento, de encontro com o novo, há esforços no sentido de defini-lo, racionalizá-lo, como nessa de um trabalhador do polo:

São mal educados, não tem respeito por mulheres etc... Muitos são arrogantes... Mal educados. Se acham melhor que os outros.... Falam mal do estado, falam mal das mulheres.... E uma coisa que não aceito é falar mal do meu estado!!! Metem a mãe.... Falando besteiras para as mulher que passa!!!

Ou nessa outra de uma cabeleireira:

Eles são "chinelo", grudentos, abusados. Se jogam em cima da gente. Outro dia um tentou me beijar no calçadão da praia (...) Tão sempre de chinelo, pode tá o frio que for, e de celular no ouvido (...) Eu não sei, eles têm uma cara assim, como vou te dizer, não é preconceito, mas eles tem uma cara de pobre.

Esse esforço de compreensão por parte dos agentes individuais, bastante variável nas falas, começa a ganhar corpo e continuidades nas redes. Deparamos-nos então com definições como esta na Disciclopédia, página que se assemelha a Wikipédia, a enciclopédia online, porém fazendo uma parodia dos temas:

Baiano é qualquer ser humano que more acima da linha da praça da Sé, que desembarca em São Paulo na Rodoviária do Tietê após 5 dias de viagem de ônibus com uma bagagem que inclui uma caixa com um tatu dentro, uma camisa do flamengo, sacos de estopa com roupas, documentos e dinheiro dentro de um saquinho na cueca ou na calcinha, além de um facão e um berimbau. Os mais preparados e bem de vida chegam também com um radinho AM, coisa rara no Nordeste. No Rio de Janeiro são conhecidos como Paraíba.

Entretanto, o grande salto para a tipificação do estigma baiano se faz através da musica *Foge que é baiano*, lançada de 2010 para 2011, na qual se podem ver alguns desses traços selecionados na percepção daquele que distinguiria e comporia a figura do "baiano", num *continuum* simbólico que consolidaria grande parte das variações das percepções individuais, como na fala de um entrevistado: "*Essa musica diz TUDO, só quem tem vizinhos baianos sabe como é verdade!*". Segue a letra da música:

- 1) Todo pessoal da p-58, p-55.. Tamo Junto! Trabalho na "ingivix" sou encarregado ... melhor gato que tem, venha se aproxime ...
- 2) Eu bebo litrão da "Maínha" com os mano Xaveco traveco não to nem "ligano" Foge que é baiano, foge que é baiano...
- 3) Churrasco segunda, vizinho "acordano" Eu curto a Ivete, o Naldo e o Caetano ... Foge que é baiano, foge que é baiano...
- 4) Na festa eu tóco o terrô, só pique parangolé reboation na Buarque, lá no Lads tem mulé encontrei uma encorpada que só podia por trás peituda do gogó grande, conheci na Silva Paes.
- 5) De boombox no busão, gel, cabelo do Neymar Tem cavaco, tem tantan, viação noiva do mar

Agora eu fiquei doce e é assim que eu sobrevivo To tirando onda no rolé de seletivo ...

6) Se eu tiver boombox? FOGUE QUE É BAIANO ... E loco de cerveja ? FOGUE QUE É BAIANO ...

Tem churrasco todo dia ? FOGUE QUE É BAIANO ... Tem segunda e quarta-feira ? FOGUE QUE É BAIANO ...

Desse modo, podemos ver na música que o ponto 1) faz referências ao posto de trabalho (“encarregado”) do “baiano”, o 2) e o 4) dizem respeito a sexualidade promíscua do “baiano”; os pontos 3) e 6) falam da preferência musical assim como do volume das festas e o dia inoportuno de suas reuniões; no 5) aparece o modo de se vestir, a suposta religião (“noiva do mar”).

A realidade social, no entanto, como lembra Becker (2008), não é uma só. É recortada em múltiplos espaços, níveis e dimensões. De modo que uma pessoa pode seguir corretamente as regras de um espaço e infringir as regras de outro. Do mesmo modo, dependendo do espaço em que os agentes estão situados, há uma variação no grau e intensidade na prática do estigma. Há diferenças no modo de perceber e interpretar o “baiano” relativas ao ponto de vista do agente, isto é, ao espaço em que se situa na estrutura social (BOURDIEU, 1990, p. 158).

O estigma diz respeito a “expectativas normativas” (GOFFMAN, 1988). Seu princípio reside justamente em sua interrupção. Para Goffmann (1988), os ambientes sociais produzem rotinas e repetições. Os comportamentos e ações possíveis de se praticar em cada ambiente já estão, de certa forma, inscritos, apontados nele em estado potencial (BOURDIEU, 2011, p. 238-239). Daí podermos nos dar ao luxo de deslocar a atenção mental desses por menores enquanto o corpo educado garante a adequação às regras. É essa naturalidade (incorporação das regras do espaço social a um nível instintivo, portanto de estreita correspondência entre espaço objetivo e subjetivo) que faz de nós *nativos*.

Porém se em um restaurante entrar alguém seminu, dançando e entoando cantos esquisitos, rapidamente nos daremos conta de seu deslocamento: “é nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação aquilo que o indivíduo que está a nossa frente deveria ser.” (GOFFMAN, 1988, p. 12) É a este alguém que Schultz chamou de “estrangeiro”: aquele que ignora não só a linguagem do ambiente em que ingressa, mas o que está por trás dela, toda a história de sua criação que, em um nativo, é apreendido ao nível do instintivo, que nele se constitui numa segunda natureza. Para o estrangeiro,

o padrão cultural do grupo ao qual se aproxima não tem a autoridade de um testado sistema de receitas, e isto, se por nenhuma outra razão, pelo menos porque ele não compartilha da forte tradição histórica pela qual este tem sido formado. Certamente, do ponto de vista do estrangeiro, também a cultura do grupo aproximado tem sua história peculiar, e esta história é até mesmo acessível a ele. Porém ela nunca se tornou uma parte integrante de sua biografia, como foi a história de seu grupo de origem. (SCHULTZ, 2010, p. 122)

Podemos, desse modo, observar que os comportamentos desviantes que permitem as reações e operacionalização do estigma, podem ocorrer pela simples ignorância ou insuficiência do conhecimento superficial que se tem acerca das regras de comportamento social. Becker toma esse argumento em seu estudo sobre o desvio demonstrando como a maioria dos atos desviantes que recebem a classificação de outsiders são “não intencionais”, no sentido de que

eles implicam uma ignorância da existência de regra, ou do fato de que ela é aplicável nesse caso (...). Mas é necessário explicar a falta de conhecimento. Como pode alguém saber que seu ato é impróprio? Pessoas profundamente envolvidas numa subcultura particular (como uma subcultura religiosa ou étnica) podem simplesmente não ter consciência de que nem todos agem “daquela maneira” e assim cometer uma impropriedade. Pode de fato haver essas áreas *estruturadas de ignorância de regras particulares*. (grifo meu) (BECKER, 2008, p. 36)

Nesse sentido o estigma “baiano” passou a ser não só um novo signo no universo simbólico do riograndino, mas um elemento atuante na constituição subjetiva dos agentes locais. Não é por acaso que iremos encontrar grandes investimentos na definição a respeito de si mesmo, da identidade riograndina ou gaúcha nesse meio tempo de confusão de identidades e reação ao estrangeiro.

CONCLUSÕES

O rótulo “baiano”, com os estigmas que permitem seu reconhecimento enquanto desviante nas interações cotidianas, encontra-se reificado na realidade riograndina. Esse descolamento em representação, sua auto-referência, permite que os agentes operem a rotulação em diferentes ocasiões, de modo dedutivo, ajustando o termo às suas necessidades pontuais. Isso põem a questão da polissemia do termo, em que a parcela incompleta do conceito, sua porosidade, permite operar um ajustamento conforme necessidades pontuais.

O estigma refere-se a uma representação, que aqui aparece sob a necessidade de sentido, de assimilação na teia de significados anteriormente dados na realidade riograndina. Portanto diz respeito a restauração das fraturas abertas nessa realidade em função da instalação do polo naval, da conservação daquela realidade que garante aos nativos os lucros simbólicos derivados de sua agência.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro; Zahar, 2008.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1976.

BLANCO, Cristina Fernandez et al. **Migraciones: nuevas movilidades en un mundo en movimiento**, Barcelona: Ed. Bilbao, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. (2011), 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil.

_____. Coisas Ditas: **Espaço social e poder simbólico**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 150-168 pp.

ELIAS, Nibert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DE SENA, Angélica e LISDERO, Pedro. Etnografia virtual: aportes para su discusión y diseño, Buenos Aires, Fundación CICUS, 2014.

FABRES, Ana Cristina Porto. Indústria naval de Rio Grande: modelo de trabalhadores da base produtiva. Pelotas – RS, 2014.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, Rio de Janeiro; Ed. Guanabara, 1988.

Secretaria Municipal de Coordenação e Planejamento. Plano Diretor do Polo Naval de Rio Grande, nº PL-FR-RG01-DIS-001-0.

SHUTZ, Alfred. O Estrangeiro: um ensaio em psicologia social. Revista Espaço Acadêmico, nº 113. Trad. Márcio Duarte e Michael Hanke, 2010.

SOBRE A ORGANIZADORA

Maria Izabel Machado - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR). Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura. Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 24, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 183

Associativismo 67, 87, 90

B

Biografias 137, 149, 150

Brincar 16, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 60, 65

C

Candomblé 34, 37, 38, 39, 40, 41

Ciência e tecnologia 122, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 145, 147, 148, 150, 216

Conservadorismo 163, 173

Crianças ribeirinhas 12, 14, 16, 19, 56, 58, 59, 60, 61, 63

Cultura 2, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 80, 94, 108, 111, 115, 124, 132, 157, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 173, 197, 200, 217, 218

D

Desastres ambientais 79, 80

Desemprego 175, 176, 177, 180, 185, 186, 191

Desenvolvimento 11, 23, 24, 32, 44, 56, 63, 64, 70, 78, 88, 90, 110, 113, 119, 121, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 187, 193, 200, 204, 205, 213, 214, 215

E

Enem 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133

Ensino de sociologia 118, 125, 132

Escrita 41, 56, 60, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 208

Espaço urbano 43, 44, 45

Estigma 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 169, 209

F

Familismo 166

G

Gênero 30, 38, 43, 106, 112, 113, 131, 133, 138, 152, 163, 185, 189, 194, 201, 202, 203, 205, 208, 215, 217, 218

Gestão de desastres 67, 76

H

Habitus 94, 95, 102, 200, 204

I

Infância 12, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 154, 199

M

Migrações 105

Mineradoras 80, 88

P

Poder público 13, 14, 20, 67, 70, 71, 75, 82, 90

Poesia 59, 152, 153, 162

Políticas públicas 11, 20, 63, 67, 79, 80, 90, 132, 133, 134, 135, 194

Precarização 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187

Privação de liberdade 92, 93, 94, 97, 102, 103

Prosopografia 134, 135, 137, 149

R

Racismo 34, 35, 36, 107, 113, 207, 208

Representações 1, 2, 3, 5, 10, 11, 25, 26, 29, 61, 125, 191

Ribeirinhos 13, 17, 21, 80, 89

Rural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 21, 139, 143, 166, 170

S

Saber local 67, 73, 75, 78, 91

Segregação 36, 218

Subversão 23, 28, 31

T

Terapia ocupacional 23, 24, 26, 31, 32, 33

Trabalho 1, 4, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 43, 44, 48, 54, 63, 67, 79, 81, 92, 93, 94, 102, 105, 107, 110, 114, 115, 120, 126, 130, 136, 153, 158, 159, 164, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 196, 200, 201, 212, 213, 214, 218

Transporte escolar 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Transporte público 43, 52, 53

U

Urbano 1, 2, 4, 5, 7, 10, 11, 43, 44, 45, 52, 70, 78, 170, 171, 179

V

Vulnerabilidade social 23, 25, 31

